

TRATAMENTOS DO CORPO EM NOSSA ÉPOCA E NA PSICANÁLISE

29
JUNHO-03
JULHO

2022

Paseo La Plaza - CABA
Av. Corrientes 1660

Buenos Aires
Argentina

Todo corpo é político

Leonardo Leibson

A prática psicanalítica não é uma técnica corporal. No entanto, a cena analítica inclui corpos. No plural. O de quem se analisa. E o de quem sustenta o lugar do analista. Trata-se dos corpos que a psicanálise põe em cena a partir da descoberta freudiana de que há corpos que não conhecem a anatomia. São aqueles que, por sua vez, a medicina desconhece.

Isto, a partir desse momento, implica revelar e estabelecer uma política dos corpos, e incluir os corpos como fatos de linguagem. Ou seja, como fatos políticos. Cada corpo é contado um a um, mas o corpo não é um nem sozinho. Porque cada corpo se estende em várias dimensões.

Para Freud, o corpo se produz no jogo fragmentado e dançante dos movimentos pulsionais. Aí encontra ritmo, tensão, relaxamento. Prazer, desprazer e a margem para um mais além do princípio do prazer. Há corpo no sintoma - também na angústia - onde Freud soube ler modos de satisfação. Há corpo a partir do ato que gera narcisismo e seu eu. A majestade da criança, ideal dos ideais, repetindo os sonhos régios dos seus genitores.

Há corpos em Lacan. O que arrisca apreender, a partir do que lhe ensinam seus psicóticos, no espelho fundacional. O que conjuga a imagem do outro com a do Outro que sustenta e consente.

Esse Outro que, dirá Lacan, é o corpo: lugar da marca, pura presença de corpo animal trabalhado pela inscrição que recorta, escande, pontua. O corpo como superfície de escrita.

Há corpo em Lacan quando afirma que "não há gozo que não seja do corpo" e o postula como "um novo princípio". Desdobra assim a dialética na qual se entrelaçam o corpo, o gozo, o sujeito e o objeto caído, fragmento do corpo: nas junções disjuntas entre corpo e gozo, corpo e sujeito segregam-se mutuamente, articulam-se de forma díspar.

Lacan tece, a partir do corpo freudiano, aquilo que, no choque sempre traumático entre o vivo e a linguagem, se erige como uma vida investida por lalíngua. Corpo sustentado pelo

"corte que preside sua desmontagem (1)", uma vez que imagem vívida que se esmera em sustentar uma eternidade de fotografia que o imprevisto do desvanecimento sintomático desmente a cada passo. "Gozo corporeizado pelo significante (2)", outro modo de dança.

Podemos postular, a partir disto, que existem duas "correntes" automáticas: a linguagem e o gozo. "Máquinas" que, apesar de tudo, não são homeostáticas: não sabem manter um equilíbrio, nem sequer apontar a ele. Movem-se no mar da não proporção, do desajuste e do mal-entendido.

Estas duas máquinas encurralam-se reciprocamente em sua desproporção, arruinando, cada uma, a mecânica da outra. A linguagem, engendrando um gozo que lhe resultará irremediavelmente estrangeiro. O gozo, encontrando seu limite na rejeição da linguagem. Desse desencontro deriva o único tratamento possível que o mortifica sem pretender aboli-lo – ou seja, sem aumentá-lo.

Porque o gozo requer um tratamento. Caso contrário, como ensina Lacan com o seu mito da lamela, resta como puro instinto de vida irrefreável e, portanto, mortífero. O gozo deixado à própria sorte é incompatível com a vida, arrasa com ela. O tratamento do gozo somente pode ser por aquilo que o engendra e ao mesmo tempo lhe põe limite: o significante. E a sua lei: o mal-entendido.

Porque não há tratamento do gozo pela compreensão. Tampouco pelo disciplinar. Essas técnicas que existem desde o início dos tempos, fracassando repetidamente, mas persistindo em ideais morais e religiosos em todos os tempos e latitudes, sob as mais diversas roupagens que, no entanto, dissimulam mal a impossibilidade de "limitar o gozo". Porque quanto mais se o limita, mais se difunde. Gerando o gozo de limitar o gozo, e assim por diante.

Esta é uma forma da política sobre os corpos, aquela que sustenta, em nossos dias, o sistema capitalista e o discurso que o sustenta. É também a que pretende dominar através do "imperialismo da biologia", para usar uma expressão bem-sucedida de Colette Soler.

Este é o corpo que o discurso capitalista sustenta como máquina produtora de construção ou de destruição (do trabalhador ao soldado modernos há cada vez menos distância). Ou máquina consumidora de gozos que se prometem eternos e universais. Uma máquina utilitária que as políticas estatais se encarregam de despojar para manter "saudável" até a última gota de sangue.

A análise encontra e propõe um tratamento pela linguagem do gozo sintomático, na medida em que a função do analista dá lugar a uma dimensão da linguagem que escapa, ainda que por pouco, ao império do significado. Operando segundo a lei do significante que opera com o mal-entendido, favorecendo um significante que não significa nada e que deixa passar o sentido como direção e movimento. Isto implica outra política do corpo a partir do reconhecimento de que todo corpo é político.

O gesto freudiano e os esforços lacanianos de formalização opõem à máquina utilitária (semelhante à "vida nua" proposta por G. Agamben) o manifesto do sintoma e a cura pela

palavra em transferência. Assinalando que o sintoma porta uma verdade que engendra um campo de gozo que não admite limitação mas tratamento, que não exige explicação mas desdobramento, que não aspira a um bem-estar idiotizado mas à interpretação que pode recortar uma causa desejável.

Corpos que vêm às nossas consultas, ainda que essas se realizem através de telas ou microfones falantes. Corpos que muitas vezes têm sido violentados ao haver sido ignorados como corpos e tomados apenas como pedaços de carne, corpos que acompanham as piores catástrofes subjetivas. Porque se o corpo é tomado como mera carne, o dano é iminente. Dado que, seguindo a lição de Antígona, um corpo, mesmo o de um morto, não é carniça e requer o tratamento que merece. Não lho dar é uma falta que não se pode suportar.

Todo o corpo é político porque algo no corpo resiste, mesmo quando o sujeito foi subjugado e a sua palavra obturada. Corpo político porque suporta aquilo que nos investe para que não sejamos reduzidos a vidas nuas condenadas ao sacrifício.

A psicanálise, sua prática, seu artefato, é dar ao corpo do sintoma o tratamento digno que dá lugar ao luto e ao desejo. Sustentar esta política pode ir contra as leis da cidade. Isto é o que faz a nossa ética e a nossa política.

Março/2022

--

1 Lacan, J (1966-67) Seminário 14, “A lógica da fantasia”, inédito.

2 Lacan, J. (1972-73), O seminário: livro 20 “Mais ainda”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.